

3ª PARTE

POESIA

Habemus Papam

Segunda-feira, melancolia,
Papa Francisco semana inteira
na tv e íntimo da minha casa,
partiu, maletinha preta na mão
sorriso humilde, a acenar adeus.
Levou saudades da terra e das gentes,
deixou exemplos de simplicidade, bondade,
esperança, conforto em acreditar no divino, viver
confiante na alegria de ser feliz entre as ações do bem
permitindo ao sagrado e à fé iluminarem o coração de cada um.

Geometria do tempo

Entre as duas mãos
e saindo da toalha
não é meu o rosto
no espelho,
mas eu o reconheço.

Não é minha a timidez
de se negar à multidão
de se deixar por último
no entrar, sair e nas fotos,
mas nela estou e me encontro.

Não é meu o romantismo
de florzinha branca delicada,
palavras de mel dia inteiro
nem lágrimas soltas por um nada,
mas gosto de nesse clima me aconchegar.

Se a idade tenta querer avançar por mim adentro e
Julgo, às vezes, não me identificar nos mínimos detalhes.
Sigo com destemor atravessando, só, ruas inundadas de motos.
Por que alguns querem dizer como levar a vida,
retirando voz e opinião e dar-me por concluída?
Não aceito. Sou sempre eu com meus versos.

Clara branca Lisboa

Tão clara a luz branca lisboeta
envolve e aligeira seres, humores,
desfaz barreira no desconhecido
nega e rejeita o sentir-se deslocado
mesmo ao visitante mais arredio.
Clara luminosa, espelhas o Tejo,
iluminas meu caminhar pelas calçadas
acredito-me personagem, atriz de mim,
dona de um certo destino volátil
entre o agora e o que depois virá,
talvez a remoer os tempos de ontem
não desejados, mas por descuido habitados.
Clara antiga e serena Lisboa dos sinos, hoje,
renovada, mas sempre fadista, és point turístico.
Queres vivas pela conquista?

Leite talhado

Leite derramado
sobre o vidro da mesa,
muito quente, talhou.
Contidos e sérios
os apaixonados de ontem
entreolharam-se, último
entendimento, levantaram-se
seguiram para o trabalho.

À noite só ela retornou.
Dois dias, dois serões,
campainha, toque breve,
de novo, olho mágico, porta entreaberta.
Bilhete apresenta-se,
cinco rosas vermelhas,
três palavras
quase rascunhadas: te amo, eu.

África tanta

O olhar parado da menina
enluta todo seu ser
sem nada mostrar de si
nada lhe parece interessante
nem agora nem ontem.
Boneca, pouco lhe importa.
Não chora, não brinca, nem sorri,
desconfiada, isso sim,
cerca os lábios
assustada, encolhe-se
engole em seco o disfarce
do grito aflito, maldição.
África tanta,
chão de terra e de gente
tão diversificada
por tantos ferida
devassada.
A volúpia de riqueza
marcaram gente feliz
de dor e luto,
grilhões da liberdade.
Hoje, rebeldia consentida
voltaram a cantar e dançar
novo modo de viver
vezes pobre outras rico,
riso aberto, sempre.

África, continente múltiplo,
Somália seca estepe
conflitos internos, fome,
terras altaneiras, gélidas
nevadas do Kilimanjaro,
cidades do Mali, da Etiópia
místicas, encapsuladas no mistério,
milenarios enigmas tangidos
pelos homens azuis,
Tuaregs do Sahara,
templos egípcios revelados
nas escavações junto ao Nilo,
nuvens a beijarem as margens
das grandiosas quedas de Victória.

Àfrica forte
distante de uma Copa
entre a vontade e o esforço
de muitos irmanados partilharem
a paz reconstruindo a rotina
no seu próprio chão,
terra pés nus amassando
novas trilhas, seguras,
crianças grande número
na escola a prepararem nações
com dignidade e saúde.

África tamanha,
sonhei-te onix precioso
em São Tomé e Príncipe,
ilhas no meio do oceano,
plantações exuberantes
roças de café e cacau,

berço da avó Augusta,
entre tuas tantas almas,
algumas belas, outras
desnutridas e mutiladas
provocas e emocionas,
exotismo sem par nas mulheres
vestidas de cores vibrantes
rivalizando com o pôr do sol
a escaldar chão e olhos,
por tão iluminado céu.
Silhuetas de arvores
ramos em desenhos esquálidos
parecem dançar entre tons
amarelos, alaranjados e vermelhos,
painel agigantado
pelo direito a tanto poderio
que só a natureza, mãe soberana,
de modo gentil, ofereceu e repartiu.

África tanta, deste-me uma avó
e mal te conheço, mas eu te amo.

Opostos

O prazer é secreto, livre,
a liberdade corre e toma posse.

Louvam à palavra sonoridade e ideia,
a frase cria associações e altera-lhe o trajeto.

A ventania, prima irmã da leve brisa,
de longe anuncia, vou com chuva e destelho.

Maleável, fértil e vital como a água, impossível,
Imagine uma onda gigante a trocar vida por morte.

Aceito os opostos, mas antes, sem a menor dúvida,
saboreio o doce e provo o gosto do fel.

Bilhete

Sigo vaga, vazia,
noite branca de insônia
tudo pequeno se agiganta,
sinto a partida gelar as costas
uma ausência crescente assusta-me
carregando a idéia má do nunca mais.
As horas seguem soltas, os dias avançam,
nuvens pesadas cobrem o céu afora, outrora
azul, tudo parece remoto e urgente, não entendo.
Meu Pai querido, docemente amado, adormeceu e
sem acordar não conseguiu me enviar o que escreveu.

Desenho antigo

Dois pontos, lado a lado
bem definidos e acertados
uniram-se por uma linha,
grande festa.
Animados
deslizaram traço afora
dançaram em ziguezague
inclinados, suspenderam-se,
rodopiaram em espiral
ondularam unidos
descansaram no horizonte.
O artista enternecido
adicionou outro ponto
aos dois do antigo traçado.
Eles, ao avistarem a novidade,
acorreram a formar novos desenhos
oblíquos, rasos e muitos mais,
só não houve como precisar
quando ocorreu o triângulo.

Insondável feminino

Conhecer o nunca feminino
só num dia inteiro de chuva
a arrumar gavetas
poderá ser encontrado entre
a negação, o vazio e o inesperado
amassado, semi-esquecido
entre mofo, mentiras e vergonhas,
vestígio do que quis ser sem conseguir.

A moça bonita, na
segunda ou terceira década,
confidencia, nunca beije.

Este nunca escondido entre as mãos
num dia soalheiro, seguiu muito bem
lavado em água corrente,
espumas de sabão de coco,
de quebra alguma ternura
para esquecer gritos e injúria,
enxaguado e enxuto, ao sol quente
foi posto a brilhar e se fortalecer.

A senhora octogenária
segura e desenvolta
afirma, nunca conheci o medo.